

Ser letrado e trovador

Ângela Correia
Centro de Linguística
Universidade de Lisboa

Há cerca de 30 anos, aprendíamos que, no topo da hierarquia social medieval, estavam os nobres e os clérigos. Que os primeiros eram militares e aprendiam a manejar armas e cavalos usando-os nos combates de defesa ou conquista que justificavam a classe. Tinham cultura própria mas assente na oralidade, pelo que a escrita e a leitura lhes eram marginais. Aprendíamos que os segundos tinham a seu cargo o pastoreio das almas e a cultura escrita. Tinham acesso privilegiado ao livro e dominavam o latim. Dedicavam-se ao estudo. Apercebíamos-nos também naturalmente de que, dentro de cada classe, havia outra hierarquia: a pequena nobreza diferia da alta nobreza; o baixo clero e as esferas superiores desta classe não se confundiam, o que, neste caso, decorria normalmente de ligações de berço às outras classes. Talvez menos rapidamente nos dávamos conta também de que havia certa permeabilidade, embora condicionada, entre as classes. Mesmo assim, o estatuto social de uma figura histórica dos séculos XII a XIV condicionava as expectativas com que líamos qualquer manifestação escrita de cada classe.

Quando, em 1996 (51-64), a edição de duas peculiares cantigas de amor me levou a defender que um trovador nobre, descendente, embora por via ilegítima, de Egas Moniz, usara nelas uma invulgar palavra latina (*amma*), o perfil resultante não se harmonizava com o cenário social geralmente estabelecido para o período trovadoresco. Segundo a proposta que procurei fundamentar posteriormente (2007, 111-20), Joam Soares Coelho encontrava-se em Castela, ao serviço do infante de Serpa, D. Fernando, irmão de Sancho II e do futuro Afonso III de Portugal. Este príncipe servia, por sua vez, o infante Alfonso de Molina, irmão de Fernando III de Castela e Leão, e tio do futuro Alfonso X. No outono de 1242, o rei adoece com certa gravidade e o infante herdeiro é forçado a acorrer à fronteira para enfrentar problemas políticos e militares devidos à revolta do nobre Diego Lopes de Haro. Alfonso de Molina terá acudido ao rei e irmão permanecendo na corte com o seu séquito, onde serviam o príncipe português e o trovador Joam Soares Coelho. Nestas circunstâncias, é natural que o trovador, ainda jovem, talvez inexperiente e bastante desprovido de bens e poder, quisesse fazer-se notar, evidenciar conhecimento e engenho; eventualmente obter recompensa por serviços prestados. A mulher que escolheu para louvor (Urraca Guterres Mocha) (2001, 168-70) era mulher de um sobrinho de Alfonso X, representante da casa de Meneses, aliada fiel da casa real; ligada por laços familiares a Fernando de Serpa e à casa dos Sousa; e, portanto, adequava-se à elevação do exercício que pretendeu fazer, bem como à sua eventual ambição.

Urraca Guterres herdara do pai a alcunha (Mocha) e, portanto, a pertinência de ser por ela conhecida era facilmente questionável. Joam Soares Coelho aproveitou o facto

e traduziu a alcunha para latim (*amma*). Ao mesmo tempo que concretizava o ensejo trovadoresco de revelar a identidade da mulher amada sem a expor, discorreu sobre as aparentes afinidades entre *amma* e o verbo amar, que já Santo Isidoro de Sevilha e Papias haviam notado.¹ Segundo estes autores, a ave a que atribuem a designação de *amma* chamava-se assim por amar os meninos.² Joam Soares Coelho inscrevia-se também na corrente do pensamento medieval, largamente manifestado, que procurava explicar as palavras encontrando nelas o eco da realidade que designavam. No caso vertente, porém, começava por manifestar estranheza ao encontrar mais divergência entre o nome e a realidade (entenda-se: entre a palavra Mocha e a mulher que usava o nome) do que convergência. Admitia, logo de seguida, no entanto, haver talvez uma possível afinidade (entenda-se: entre a tradução latina da alcunha, *amma*, e o verbo “amar”), que se ocupou de analisar de diversos pontos de vista (amar, ser amada). As cantigas que se seguem são as duas que Joam Soares Coelho compôs sobre o tema (Correia, 329, 399). A segunda foi feita já depois de começada a polémica trovadoresca que a primeira desencadeou.

Atal vej’ eu aqui ama chamada

que, de’-lo dia en que eu naci,
nunca tan desguisada cousa vi,
se por u;~a destas duas non é:
por aver nom’ assi, per bõa fé,
ou se lh’ o dizen porque est amada,

ou por fremosa, ou por ben talhada;
se por aquest’ ama dev’ a seer
é-o ela, podede-lo creer,
ou se o é po’-la eu muit’ amar
ca ben lhe quer’ e posso ben jurar:
poi’ -la eu vi, nunca vi tan amada.

E nunca vi cousa tan desguisada
de chamar ome ama tal molher

Desmentido m’ á ‘qui un trobador

do que dixi da ama sen razon,
de cousas “pero” e de cousas “non”.
Mais u menti quero mi-o eu dizer:
u non dix’ o meo do parecer
que lhi mui boo deu Nostro Senhor

Ca de pran a fez parecer melhor
de quantas outras eno mundo son
e mui mais mansa e mais con razon
falar e rriir e tod’ al fazer
e fezo-lhe tan muito ben saber,
que en todo ben é mui sabedor

E por esto rog’ a Nostro Senhor
que lhe meta eno seu coraçõ

¹ “*Strix nocturna avis, habens de sono vocis; quando enim clamat stridet. De qua Lucanus (6,689): Quod trepidus bubo, quod strix nocturna queruntur. Haec avis vulgo amma dicitur, ab amando parvulos; unde et lac praebere fertur nascentibus.*” (Oroz Reta, 113). [Ave nocturna é também a estrige, que recebe o seu nome do som da sua voz, pois quando pia é estridente. Dela diz Lucano: *o que o assustadiço mocho e a nocturna strix lamentam*. A esta ave costuma-se chamar vulgarmente **amma**, por amar os meninos e por isso se diz também que dá leite aos recém-nascidos]. “*Amma auis nocturna ab amado dicta haec & strix dicitur a stridore*” [Amma é uma ave noturna que assim é chamada por amar e é também chamada estrige por causa do grito] (Papias s.v.).

² Note-se que este não é um amor positivo. Segundo a lenda referida em diversos autores antigos (Correia, 1996, 56, 59), a ave de que falam S. Isidoro e Papias procurava os meninos no berço para lhes dar de mamar e ao mesmo tempo sugar-lhes o sangue.

tan pastorinha, se lh' o non disser
por tod' esto que eu sei que lh' aven:
porque a vej' a todos querer ben
ou porque do mund' é a mais amada.

E [é]-o de como vos eu disser:
que pero me Deus ben fazer quiser
sen ela non me pod' én fazer nada.

que me faça ben, poi'-lo a ela non
ousou rogar e se m' ela fazer
quisesse ben, non querria seer
rei nen seu filho nen emperador,

se per i seu ben ouvesse a perder;
ca sen ela non poss' eu ben aver
eno mundo nen de Nostro Senhor

O exercício era engenhoso e revelador de conhecimento, mas os outros trovadores reagiram-lhe mal e as cantigas deram origem a um coro de críticas unidas pela palavra “ama”, embora não pelo sentido que em cada uma lhe está associado.

Sobre a ordem e o intervalo de composição das cantigas deste ciclo, os cancioneiros não guardam nenhuma informação direta. Podemos, no entanto, admitir que o núcleo em que está envolvido o trovador Airas Peres Vuitoron³ e o núcleo em que está envolvido o trovador Joam Garcia de Guilhade podem não ter ocorrido em momento imediatamente subsequente à composição das cantigas à “ama”, uma vez que não estão nelas centrados. Em nenhum dos casos a questão é debatida, apenas usada como argumento em demonstrações de incompetência de Joam Soares Coelho no trovar. O exercício de composição que envolveu a “ama” é apenas usado, na cantiga de Airas Peres Vuitoron, como argumento contra uma eventual reputação de excelência poética pretendida por Joam Soares Coelho e supostamente autodeclarada (“Joam Soarez, pero vós teedes / que trobades en esta terra ben”).⁴

Joan Soarez, pero vós teedes
que trobades en esta terra ben,
quero-vos én conselhar u; ã ren:
aqui fazed' esso que én sabedes,
ca aqui teen vós por sabedor
de trobar; mais nós trobamos melhor
ben entendemos como o fazedes.

E se vós de trobar sabor avedes,
aqui trobade –faredes i sén–
e non vaades cabo Santarén,

Don Vuitoron, o que vos a vós deu
sobre los trobadores a julgar
ou non sabia que x' era trobar,
ou sabia como vos trobei eu
que trobei duas vezes mui ben;
e se vos el fez juiz por én
de vos julgardes outorgo-vo-l' eu.

E se vos el per esto fez juiz,
don Vuitoron, devede-l' a seer
ca vos soub' eu dous cantares fazer

³ Sobre a questão da ordem de composição das duas cantigas deste núcleo, veja-se Correia, 2001, 35-136; sobre a interpretação da cantiga de Airas Peres Vuitoron, veja-se Correia, 2001, 143 e seguintes.

⁴ As edições críticas dos textos do ciclo dedicado à questão da “ama” que se seguem foram feitas a partir dos manuscritos relatores, o que conduziu a correções às edições críticas disponíveis (Lapa, 210-11; 361-62; 381-82; 137, 138; 360; 329-30; Tavani, 97; Beretta, 141-43; Reali, 10-11). Podem consultar-se tanto os aparatos críticos quanto as notas às edições anteriores em Correia, 2001, 132-34. As cruces no verso 13 da cantiga **Don Vuitoron, o que vos a vós deu** assinalam uma lacuna no manuscrito. O parêntese reto assinala integrações em lugares de silêncio dos manuscritos.

con esses juizes que vós queredes,
tan ben trobamos d' escarnh' e d' amor,
mais se avedes de trobar sabor,
Martin Alvel' é aqui con que trobedes.

E por travar no que non conhocedes
non dariamos nós nada por én,
ca vos direi [eu]' o que vos aven
a estes juizes que vós dizedes:
cantar julgamos de bon trobador,
mais cantar d' ama nen de tecedor
nunca julgamos: vó-lo saberedes.

(Airas Peres Vuitoron)

sen outros seis ou sete que vos fiz
per que devedes julgar con razon
++++++++++++++++++++++++++++on
julgad' os cantares que vos eu fiz

E pois julgardes como vos trobei
e ar chamad' o comendador i
que fizeram comendador sen mi
de mias comendas per força de rei
e que ora nas alças está
se o eu dereit' ei entregar-mi-as-á
ca todas estas son forças de rei

(Joam Soares Coelho)

Na cantiga de Joam Garcia de Guilhade, a questão da ama serve de arma de arremesso na desforra contra uma acusação de incompetência feita por Joam Soares Coelho a Joam Garcia de Guilhade (“e tu dizes que entenzões faes / que pois non riman e son desiguaes / sei m'eu que x'as faz Joam de Guilhade”), em tenção com Lourenço.

Quen ama Deus, Lourenç', ama verdade
e farei ch' entender por que o digo
home que entençon furt' a seu amigo
semelha rama de deslealdade
e tu dizes que entenzões faes
que pois non riman e son desiguaes
sei m'eu que x' as faz Joam de Guilhade

Joam Soarez, ora m' ascuitade
eu óuvi sempre lealdade migo
e quen tan gram parte ouvesse sigo
en trobar com' eu ei , por caridade,
ben podia fazer tenzões quaes
fossem ben feitas e direi-vos mais
lá con Joan Garcia baratade

Pero, Lourenço, pero t' eu oía
tençon desigual e que non rimava
pero qu' essa entenzon de ti falava
demo lev' esso que t[e] eu criia
ca non cuidei que entenzon soubesses
tan desigual fazer nen a fezesses
mas sei m'eu que x' a fez Johan Garcia

Par Deus, Lourenço, mui desaguisadas
novas oí agor' aqui dizer:
mias tenções quiseran desfazer
e que ar fossen per ti amparadas.
Joan Soárez foi e dilh' assi:
que louv'eu donas, mais nunca per mi,
mentr'eu viver, seran amas loadas.

E, se eu fosse u foron escançadas
aquestas novas de que ti falei,
Lourenço, gran verdade ti direi,
toda-las novas foran acaladas;
mais a min e a ti poss' eu ben defender,
ca nunca eu donas mandei tecer
nen lhis trobei nunca polas maladas.

Cordas e cintas muitas ei eu dadas,
Lourenç', a donas e elas a min
mais pero nunca con donas teci
nen trobei nunca por amas onradas;
mai-las que me criaron, dar-lhis-ei
sempr' en que vivan e vesti-las-ei,
e seran donas de mi sempr' amadas.

Joam Garcia tal se foi loar
e enfenger que dava sas doas
e que trobava por donas mui boas
e oí end' o meirinho queixar
e dizer que fará, se Deus quiser,
que non trobe quen trobar non tener
por ricas donas nen por infançosas.

E oí noutro dia én queixar
u;~as coteifas e outras cochõas
e o meiri;~o lhis disse: «varõas,
e non vos queixedes ca, se eu tornar,
eu vos farei que nenhum trobador
non trobe en talho se non de qual for
nen ar trobe por mais altas pessoas.

Ca manda 'l-rei porque á én despeito
que troben os melhores trobadores
polas mais altas donas e melhores
e ten assi por razon con proveito;
e o coteife que for trobador
trobe, mais cham' a coteifa “senhor”
e andarán os preitos con dereito.

Joan Soarez par Santa Maria
fiz eu entençon e ben a iguava
com' outro trobador que ben trovava
e de nós ambos ben feita seria
e non vo-lo poss' eu mais jurar
mais sse trobador migu' entençar
defender-mi-lh' ei mui ben todavia.

(JSCoelho e Lourenço)

Lourenço, di-lhe que sempre trobei
por boas donas e sempr' estranhei
os que trobavan por amas mamadas.

(Joam Garcia de Guilhade)

E o vilão que trobar souber
que trob' e chame "senhor" sa molher
e averá cada un o seu dereito».

(Joam Soares Coelho)

Ao contrário dos dois núcleos de cantigas acima referidos, a cantiga de Fernan Garcia Esgaravunha e a tenção entre Juião Bolseiro e Joam Soares Coelho só terão sido cabalmente compreendidas, se tiverem sido divulgadas em tempo próximo das de Joam Soares Coelho, pois têm na "ama" o seu tema central. Nestas duas composições encontra-se, na verdade, o essencial da crítica ao atrevimento de Joam Soares Coelho.

Esta ama cuj' é Joam Coelho,
per boas manhas que soub' aprender,
cada u for achará bon conselho
ca sabe ben fiar e bem tecer
e talha mui ben bragas e camisa
e nunca vistes molher de sa guisa
que mais limpia vida sabia fazer.

Ant' é oje das molheres preçadas
que nós sabemos en nosso logar
ca lava ben e faz boas queijadas
e sabe ben moer e amassar
e sabe muito de bõa leiteira.
Esto non digu' eu por ben que lhi queira,
mais porque est assi, a meu cuidar.

E seu marido de crastar verrões
non lh' achan par de Burgos a Carrion,
nen [a] ela de capar galiões
fremosament', assy Deus mi pardon!
Tod' esto faz e cata ben argueiro
e escanta ben per olh' e per calheiro,
e sabe muito bõa escantaçon.

Non acharedes en toda Castela,
graças a Deus, de que mi agora praz,
melhor ventrulho nen melhor morcela
do que a ama com sa mão faz.

–Joan Soares, de pran as melhores
terras andastes que eu nunca vi:
d' averdes donas por entendedores
mui fremosas quaes sei que á i
fora rason, mais u fostes achar
d' irdes por entendedores filhar
sempre quand' amas, quando tecedores?

–Juião, outros mais sabedores
quiseron ja esto saber de min,
e en todo trobar mais trobadores
que tu non es, mais direi-t' o que vi:
vi boas donas tecer e lavar
cordas e cintas e vi-lhes criar,
per bõa fe, mui fremosas pastores.

–Joan Soares, nunca vi chamada
molher ama nas terras u andei
se por emparament' ou por soldada
non criou mês, e mais vos en direi:
en as terras u eu soía viver
nunca mui bõa dona vi tecer,
mais vi tecer algu;~a lazerada.

–Juião, por est' outra vegada
con outro tal trobador entencei
fiz-lhe dizer que non dizia nada
com' or' a ti desta tençon farei;

E al faz ben, como diz seu marido:
faz bon souriç' e lava ben transsido,
e deita ben galinha choca assaz.

vi boas donas lavrar e tecer
cordas e cintas e vi-lhes teer
mui fremosas pastores na pousada.

–Joan Soares, u soía viver
non tecen donas nen ar vi teer
berç' ant' o fog' a dona muit' onrada

–Juião, tu debes entender
que o mal vilan non pode saber
de fazenda de bõa dona nada.

(Fernam Garcia Esgaravunha)

(JSCoelho e Juião Bolseiro)

As críticas, enformadas pelas regras de composição de cada um dos géneros destas duas cantigas, são essencialmente duas: 1) ao usar uma palavra alheia ao género e à língua da cantiga de amor, Joam Soares Coelho torna obscuro o sentido; 2) a afinidade de forma e de som com uma palavra galego-portuguesa favorece um entendimento errado, gerando equívoco. Este é tão mais grave quanto o sentido que o uso imporia à palavra entendida no contexto galego-português é inadequado, ou mesmo ultrajante, para referir uma mulher da mais alta nobreza.⁵

A crítica nestes textos não se dirige, pois, à escolha da mulher,⁶ cuja caracterização mistura elementos da nobreza e do povo, como aliás acontece com as restantes cantigas satíricas do ciclo. Joam Soares Coelho atraiu para si a censura dos outros trovadores pela forma imprópria, tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista da composição, como referiu uma mulher nobre. De pouco lhe terá valido defender-se fazendo notar que também as educadoras nobres, mulheres dos aios ou amos, eram designadas “amas”; ou seja, que a palavra, mesmo que fosse lida em galego-português, podia ter um sentido nobre. Nada a fazer: o equívoco era incontornável e censurável.

Julgo pertencer também a este ciclo de composições uma cantiga de amor que não é, habitualmente, relacionada com ele. Trata-se de uma cantiga de Pero Garcia Buralês onde o nome de Joam Soares Coelho é usado para sibilino fecho:⁷

⁵ A fundamentação pormenorizada destas conclusões encontra-se em Correia, 2001, 148-54.

⁶ A crítica moderna começou por ver na “ama” uma mulher de baixa condição social e nas críticas dos outros trovadores uma censura de natureza social. Além de mim própria, Vicente Beltrán (1998) propôs uma identificação da ama com uma mulher nobre, com a qual não concordo pelas razões explicadas em Correia 2001, 172-84.

⁷ A edição deste texto difere da de Pierre Blasco (1984) apenas nos três casos em que o testemunho B apresenta lições mais defensáveis que as de A: no v. 6, a forma da terceira pessoa só pode ser “foi”; no v. 19, a lição de A (“mais val morte ca morrer assi / com'oge viv”) resultou certamente de uma confusão provocada pelo substantivo “morte” no mesmo verso e não faz sentido; no v. 20, a lição de A torna o verso hipermétrico, e, no v. 26, a lição de A não faz sentido, uma vez que o pronome acusativo

Que alongad'eu ando d' u iria
 se eu ouvesse aguisado d'ir i
 que viss'a dona que veer querria,
 que non visse, ca por meu mal a vi
 de que m'eu mui sen meu grado parti
 e mui coitad' e foi-s' ela sa via
 e fiquei eu, que mal dia naci.

E que preto que mi a min d'ir seria
 u ela é, pero long' é daqui
 se soubesse que veer poderia
 ela, que eu por meu mal dia vi
 ca delo dia en que a conhoci
 sempre lhe quije melhor toda via
 e nunca dela niun bem prendi.

Non lh'ousei sol dizer como morria
 por ela nen lho diz outre por min
 e con mia morte já me prazeria
 pois non vej'ela que por meu mal vi
 ca mais val morte ca viver assi
 com'oge viv' e Deus que mi a podia
 dar non mi a dá nen al que lh'eu pedi.

E por qualquer destas me quitaria
 de mui gran coita que sofr' e sofri
 por ela que eu vi por meu mal dia
 mais fremosa de quantas donas vi.
 E direi-o, ca ja ensandeci
 Joana est' ou Sancha ou Maria
 a por que eu moiro e por que perdi

o sen, e mais vos end' ora diria
 Joan Coelho sabe que é 'si.

3. q;~ria **B** 6. fuy **A** 13. lhi qⁱs **B** 15. lhi **B** 16. diz^s out~m **B** mj **B** 17. mort
A mj **B** 19. morte que **B** morrer **A** comogeu uiuo **A** 26. Direia ia **A** 27. e
 Sancha e Maria **B** 28. moyre a **B** 30. q;~ e assy **B**

(“darei-a”) pressupõe a sintaxe e o sentido “dizer a mulher”, que não é aceitável. A grafia foi também uniformizada e a pontuação reduzida ao indispensável.

Enquanto os outros trovadores atacaram o exercício de Joam Soares Coelho, o Burgalês oferece-lhe uma justificação que enquadra o ato poético na ficção do género cantiga de amor, o que não deixa de ser uma forma (paternalista) de censura. Na verdade, pode comportar mesmo uma reprovação da estratégia de defesa escolhida por Joam Soares Coelho (aludir ao sentido nobre da palavra “ama”), que foi diferente da apontada por Pero Garcia Burgalês.

A cantiga pertence à série em que Pero Garcia Burgalês refere o nome de três mulheres, afirmando ser um deles o nome da amada. Segundo a minha interpretação deste texto,⁸ a declaração final –“E direi-o, ca ja ensandeci [...] e mais vos end’ ora diria” – é uma forma de enquadrar no *topos* da loucura por amor o desespero de que se diz vítima e que, neste caso, o leva a dizer veladamente o nome da mulher amada. No caso de Pero Garcia Burgalês, a forma de velar o nome da mulher é dizer três nomes de mulheres, em vez de um só. No caso de Joam Soares Coelho, a forma de velar o nome da mulher é traduzi-lo para latim, mas o desejo é o mesmo (dizer sem dizer) e podia ter nascido da mesma fatalidade: a loucura a que o sofrimento de amor pode levar. “Joan Coelho sabe que é ‘si’” é o verso com que Pero Garcia Burgalês estabelece a ligação entre as consequências dos dois casos, procurando estender esta ligação também à causa: Joam Coelho sabe que o mal de amor enlouquece e leva a dizer o que não se deveria. Terá assim ficado entendido que, embora Joam Soares Coelho tenha preferido defender-se chamando a atenção para o sentido nobre que a palavra “ama” em vulgar também assumia, o Burgalês teria preferido (e recomendado) uma defesa que enquadrasse o exercício na tradição do género.

A interpretação deste conjunto de cantigas levou-me a concluir que a discussão nele desenvolvida era sobretudo um debate sobre a arte de trovar. Joam Soares Coelho forçara a mão ao querer exhibir saber e arte, o que deu oportunidade aos outros trovadores para apontar descuidos sérios de composição. A estratégia de defesa escolhida pelo trovador (repetir que a palavra “ama” também era usada para referir mulheres nobres) não terá sido suficiente para calar os adversários na discussão e terá mesmo sido considerada inábil, o que foi possivelmente mais um alvo de crítica.

A severidade, a subtileza crítica, a consistência na resposta dos trovadores ao deslize de Joam Soares Coelho sugeriam o acordo de trovadores em torno de regras orientadoras da composição, por um lado, e da crítica por outro, já que seriam capazes de separar as boas das más práticas, o louvável do repreensível. O que talvez também fundamentasse, de resto, a reconhecida uniformidade da escola ao longo de 150 anos de composição e várias gerações de trovadores. Tais regras de composição dificilmente seriam partilháveis apenas oralmente e embora haja várias manifestações das mesmas em algumas cantigas (Correia 2004) não foram certamente estas a conservá-las e a transmiti-las. A Arte de Trovar do cancionero B, por outro lado, está

⁸ Pierre Blasco (6), que editou as cantigas deste trovador, considerou a referência final a Joam Soares Coelho um sinal de que este trovador seria confidente de Pero Garcia Burgalês e conheceria, portanto, a identidade da mulher por ele amada.

longe da complexidade aqui entrevista e não dá portanto resposta à demanda por um fio de prumo dos trovadores galego-portugueses.

Mais uma vez, foi em latim que encontrei expressas as normas capazes de oferecer fundamento à crítica dirigida a Joam Soares Coelho. O seguinte passo da *Poetria Nova* de Geoffroi de Vinsauf, por exemplo, poderia ter sido usado para admoestar Joam Soares Coelho:

Por conseguinte, se, malgrado isso, introduzes palavras estranhas ou obscuras, com isso mostras a tua habilidade mas não atendes às leis da linguagem. Afaste-se deste defeito o percurso da tua voz e levanta barreiras contra as palavras obscuras. Usa de bom senso: podes conhecer tudo, sendo nisso maior do que os outros, mas na linguagem sê um entre os demais. Não sejas de uma eloquência altiva, mas sociável. Proclama-o a sabedoria dos antigos: fala como os demais, sê sábio como poucos. Nem será por essa razão que te diminuirás. Podes ser ao mesmo tempo elegante e acessível no discurso. Portanto, não olhes às tuas capacidades, mas antes às daquele a quem te diriges. Dá às palavras um peso ajustado aos seus ombros e adapta o discurso ao assunto. Quando ensinas as artes, seja o teu discurso específico de cada arte: cada uma delas goza de linguagem própria. Mas contente-se essa linguagem com a sua área. Quando saíres para a praça pública, será conveniente usares uma linguagem comum.⁹ [As palavras] Sejam de grande peso, mas não excessivo: assim, sejam dotadas de ónus e de honor.¹⁰

É ainda no mesmo tratado que se insiste na necessidade de o poeta escolher as palavras atendendo, não só ao sentido e ao ouvido, mas também ao uso:

Quando observares a face de uma palavra, para ver se acaso a corrompe algum verme latente, não sirvam de juiz apenas o ouvido e a inteligência; tal coisa seja definida pelo tríplice juízo da inteligência, do ouvido e do uso.

Suponhamos que uma coisa assim como deleita o espírito deleita também o ouvido e ambos se comprazem no mesmo. Não basta isso, não o

⁹ Rodrigues, 167. “Si qua feras igitur peregrina uel abdita uerba, / Quid possis ex hoc ostendis iusque lonquendi / Non attendis. Ab hac macula se retrahat error / Oris et obscuris oppone repagula uerbis. / Vtere consilio; licet omnia noueris, unus / Maior in hoc aliis: in uerbis sis tamen unus / Ex aliis; nec sis elati, sed socialis / Eloquii. Veterum clamat doctrina: loquaris / Vt plures, sapias ut pauci. Nec tamen ex hoc / Vilescis: sermone potes simul esse facetus / Et facilis. Proprias igitur ne respice uires, / Immo suas, cum quo loqueris. Da pondera uerbis / Aequa suis humeris et pro re uerba loquaris. / Cum doceas artes, sit sermo domesticus arti: / Quaelibet ars gaudet propriis. Sed sint sua uerba / Limitibus contenta suis: cum ueneris extra / In commune forum, placeat communibus uti. In re communi communis, in appropriatis / Sit sermo proprius” (Rodrigues 268).

¹⁰ “[Uerba] sint pondere grandi, / Sed non praegrandi: sic sint oneri quod honori” (Rodrigues 221).

creio ainda, a não ser que eu reflecta novamente sobre o assunto. [...] Se uma coisa tem um cheiro fedorento, quanto mais remexida pior cheira; se é bastante saborosa, quanto mais repetida melhor sabe. Portanto, sejam três os juizes de uma palavra proposta: o primeiro, a inteligência, o segundo o ouvido e o terceiro e último, que decide de tudo, o uso.¹¹

Também a ambiguidade em que Joam Soares Coelho caiu é censurada nos mesmos textos. De acordo com Cícero, é dela que nasce a controvérsia:

A controvérsia cai sobre o escrito quando, do assunto tratado nasce uma dúvida. Esta nasce do que é ambíguo, do que se escreveu e do seu sentido, de leis contrárias, de uma explicação, de uma definição. A controvérsia nasce do ambíguo quando é obscuro o que o escritor quis dizer, porque o que foi escrito significa duas coisas ou mais.¹²

Da ambiguidade pode também nascer o erro:

Parece-nos que erram por causa da ambiguidade do nome. Com efeito, argumentação significa duas coisas com o mesmo nome, pois chama-se argumentação tanto ao encontrado sobre alguma coisa, provável ou necessário, como ao polimento artificioso do encontrado.¹³

Considerando embora a larga difusão dos textos citados, o facto de neles ter encontrado o que procurava não implica necessariamente que os trovadores, ou parte dos trovadores, os tenham lido e estudado diretamente. É certo; embora a possibilidade se imponha. Em qualquer caso, cabe perguntar: que caminho poderá ter levado a poética trovadoresca a incorporar preceitos que encontramos expressos em textos supostamente alheios à cultura da nobreza?

Integrado no séquito do infante Fernando de Serpa, Joam Soares Coelho terá regressado a Portugal ainda em 1243 (Correia 2001, 78-79). Três anos depois, em

¹¹ “Cum faciem uerbi speculeris, an inquinet illam / Forte latens aliquis uermis, non sola sit auris / Nec solus iudex animus: diffiniat istud / Iudicium triplex et mentis et auris et usus” (Rodrigues 226). “Esto quod, ut mulcet animum, sic mulceat aurem / Et duo complaudant in idem. Non sufficit istud, / Non dum credo, nisi replicem. Speculatio prima / Nec bene, nec plene discernit: quando reuoluo / Rem, magis euoluo. Si sit foetentis odoris, / Mota magis, res peius olet; si plena saporis, / Plus repetita sapit. Sit iudex ergo triformis / Propositi uerbi: mens prima, secunda sit auris, / Tertius et summus totum qui terminent usus” (Rodrigues 227).

¹² “In scripto versatur controversia, cum ex scriptionis ratione aliquid dubii nascitur. Id fit ex ambiguo, ex scripto et sententia, ex contrariis legibus, ex ratiocinatione, ex definitione. Ex ambiguo autem nascitur controversia, cum, quid senserit scriptor, obscurum est, quod scriptum duas pluresve res significat [...]” (Coria 114).

¹³ “Sed nobis ambiguitate nominis videntur errare. Nam argumentatio nomine uno res duas significat, ideo quod et inventum aliquam in rem probabile aut necessarium argumentatio vocatur et eius inventi artificiosa expolitio” (Coria 47).

1246, quando o infante morre, já a crise conducente à deposição de Sancho II se instalara e do trovador nada sabemos até 1248. Data deste ano um documento que, mencionando o trovador, denuncia o rumo entretanto por ele seguido: o de conselheiro do novo rei, Afonso III. Desta data em diante, o nome do trovador figura em diversos documentos que atestam a ligação à corte. No trono procurava instalar-se então um novo rei com novos hábitos e diferentes modos de valorização dos nobres em torno da governação.¹⁴ Ao critério da linhagem sobrepôs-se o da proximidade familiar ao rei e o do conhecimento. Neste último critério de valorização residia uma oportunidade não desprezível para nobres de importância e riqueza secundárias que quisessem avançar na escada social. Foi talvez um bom incentivo ao uso da composição lírica como demonstração de engenho e saber.

Em várias cantigas de escárnio de Joam Soares Coelho, o desejo de demonstrar certa erudição, já perceptível nas cantigas feitas em louvor da “ama”, é manifesto, quer porque simplesmente o declare, quer porque o procure demonstrar com referências, alusões e exercícios de codificação. O facto de tais manifestações se concentrarem no género cantiga de escárnio, deixa aberta a dúvida sobre o crédito que se deva atribuir a tais declarações feitas na primeira pessoa e até sobre a possibilidade de as fazermos recair sobre o autor da composição. Vale a pena, contudo, avaliar o conjunto. Na cantiga **Maria do Grave, grav’ é de saber** (Lapa 233), Joam Soares Coelho anuncia a explicação de um nome de mulher (Maria do Grave), programa que assim se apresenta como uma espécie de negativo satírico do da primeira cantiga dedicada à “ama”. Mas deixarei este nexa para outro momento.

Segundo afirma o sujeito de **Maria do Grave, grav’ é de saber**, a explicação do nome é especialmente difícil porque assenta num paradoxo (“cá vós non sodes grave de foder / e pero sodes de foder mui grave”). Não é aqui o caso, portanto, de encontrar reflexos da realidade no nome, mas de explicar porque e como serve a mesma palavra para designar realidades diferentes. Enfrentar a dificuldade requer, segundo o sujeito, que se seja “leterad’ ou trovador”, condição que ele próprio cumpre, dado saber “ben trobar e ben leer”. Nesta sequência de afirmações, parece haver certa correspondência entre estatutos e atividades. Ou seja, dir-se-ia ficar entendido que a atividade própria do trovador é “trobar”, assim como a atividade própria do “leterado” é “leer”. Depreende-se também não haver dificuldade em aceitar que ambos os estatutos e atividades coincidam na mesma pessoa.

Na cantiga **Joan Fernández, o mund’ é torvado** (Lapa 230), mais uma vez, o sujeito declara-se “ben leterado”, dando, além do mais, pequenas demonstrações de um conhecimento aproximável ao universo clerical. No esforço para demonstrar (neste caso, com ironia e intenções evidentes) a proximidade do fim do mundo, o sujeito dá mostras de conhecimento da política internacional (“vemo-lo Emperador levantado /

¹⁴ “A consciência da época considera agora também apropriadas para a participação na função pública pessoas que possuíssem uma determinada formação cultural, estimando-os como especialmente preparados para as tarefas político-administrativas. Assim se assiste à penetração na Cúria de elementos da pequena nobreza com funções intelectuais, os sapientes” (Ventura 149).

contra Roma e Tártaros viir”), para logo demonstrar um conhecimento mais próximo do meio clerical: “E sempre esto foi profetizado / par dez e cinque sinais da fin”. Ao fechar a composição, repetem-se as referências relacionáveis com os dois universos diferentes, mas por ordem inversa: “E se non foss’ o Antecristo nado” (universo clerical), “nem fiar[a] o senhor no malado / neno malado¹⁵ [e]no senhor ren” (a fidelidade é o valor supremo da nobreza). Nesta composição como na anteriormente mencionada, portanto, repete-se a referência pendular aos dois universos sociais; assim como a declaração de um estatuto que não esperaríamos ver um nobre chamar a si.

O significado estrito do vocábulo “leterado” é conhecido: aquele que tem um conhecimento adquirido através da escrita, ou seja, através do convívio com os livros. Mas para esclarecer a questão do estatuto de que Joam Soares Coelho fala nestas cantigas, seria importante saber a que pessoas seria efetivamente aplicada na prática linguística comum. Ou seja, que pessoas seria a palavra “leterado” capaz de trazer à memória de quem a ouvisse. O mesmo seria desejável para os verbos “departir” e “leer”, que apoiam semanticamente o adjetivo “leterado”, nas mesmas duas cantigas. Creio poder conseguir-se uma aproximação a este objetivo observando o contexto de utilização destas palavras nos textos galego-portugueses ou traduzidos para galego-português, na época trovadoresca.

Este método parte do princípio de que o vocabulário, por força da associação habitual a certos contextos, tem competência invocadora. É certo que o método comporta um risco razoável de deturpação dos dados, uma vez que, embora selecionadas por critérios de proximidade temporal e geográfica ao texto que se pretende esclarecer, os contextos textuais analisados podem, ainda assim, afastar-se dos usos linguísticos trovadorescos. Acresce o facto de algumas obras refletirem realidades ou terem fontes alheias ao seu próprio tempo e lugar. É também certo, no entanto, que, em todos os casos, a possibilidade, largamente explorada, de adaptação ao que fizesse sentido para o público elimina algum do referido risco. Considerar os resultados apenas orientadores é medida de prudência que se impõe, mas este tipo de análise tem-se revelado proveitoso no esclarecimento da constelação de associações semânticas instaurada por certo vocabulário trovadoresco.¹⁶ Recorrerei a ele também aqui.

No contexto das cantigas de escárnio, Estevam da Guarda discorre no texto **En preito que Dom Foam ha** (Pagani 102), sobre um “meestre de leis” (segundo a

¹⁵ Para uma reflexão sobre o significado da palavra “malado”, consulte-se a nota 218 de Correia, 2001, 152, 153.

¹⁶ O exemplo do estudo de Elsa Gonçalves (39) sobre a série de cantigas de D. Dinis dedicadas a Joam Bolo é inspirador: nele se esclarece o duplo sentido da palavra “mula” com recurso aos livros de linhagens. Em Correia 2001, o método foi usado para, por exemplo, esclarecer o sentido dos vocábulos ou expressões “conselho” e “aconselhar” (226-28), “fazenda” (260), “lazerar” (289), “cousa desguisada” (335-37), “estrado” (393-94), “espedir-se” (432-33), “con graça” (435). Recorri ao mesmo método para iluminar a dimensão militar de vocabulário comum na cantiga de Martim Soares **Por Deus, senhor, non me desenparedes** (Correia 2004), etc.

rubrica atributiva) que corre o risco de, ao fazer o seu trabalho, ficar envergonhado entre os “leterados”. Deste contexto, depreende-se que um “meestre de leis” está entre iguais, quando está entre “leterados”. Mas de acordo com o uso das palavras em texto de diferente proveniência, a lei poderia ser uma especialização dos leterados, entre outras:

E aqeste que ante que fosse convertudo era mui **leterado na Lei**, depois que ouve conhocença de Jesu Cristo afirmava de si que non sabia ren senon Jesu Cristo que per el fora crucificado. (Silva 1971, 126)

Nas Cantigas de Santa Maria, o vocábulo encontra-se quase sempre a adjetivar personagens do clero:

Dest’ un miragre me ve;~o emente
que vos direi ora, ay, bõa gente,
que fez a Virgen por un seu sergente,
monge branco com’ estes da Espy;~a.

[...]

Est’ era sisudo e **leterado**
e omildoso e ben ordinnado,
e a Santa Maria todo dado,
sen tod’ orgullo e sen louçay;~a.

(CSM 54 Mettmann I, 188)

En un miragre de grado,
segund’ eu oý contar,
que no mõeiteir’ onrrado
de Claraval foi entrar
un monje mui leterado,
que sabia ben obrar
de fisica, com’ achey.

(CSM 88 Mettmann I, 275)¹⁷

¹⁷ Vejam-se mais alguns exemplos: Daquesto a San Domingo / un miragre conteceu: // El un bon **arcediago** / en ssa orden recebeu, // **que era mui leterado**, / e por aquest’ entendeu // que podia en começo / por ele mui mais comprir. (CSM 204 Mettmann II, 249) Porend’ un miragre desta razon / vos direi, que xe valrrá un sermon, / de como guareceu **un crerizon** / Santa Maria, que el foi loar. [...] De bon linage foi aquest’ assaz / e mui fremoso de corp’ e de faz, / e **leterado** e de bon solaz, / que en sa terra non avia par (CSM 404 Mettmann III, 310).

Mas há também um caso em que a personagem assim caracterizada é um filho de burguês.

Dest' un mui gran miragr' en **fillo dun burges**
 mostrou Santa Maria, que foi gafo tres
 anos e guareceu en mēos que un mes
 pola sa piedade que lle quis mostrar.
 [...]
 Est' era mui fremoso e apost' assaz,
 e ar **mui leterado** e de bon solaz;
 mais tod' aquele viço que à carne praz
 fazia, que ren non queria en leixar.
 (CSM 93 Mettmann I, 286)

Na historiografia, encontrei a palavra associada, mais uma vez, ao mundo clerical:

e;~vyaron ao papa Teodoryo o **bispo** de Saragoça, que avya nome Tajom e era homen *muy leterado* e amava muyto os livros das Sanctas Scripturas (Cintra II, 221). Este foy homen de boo linhagen e muy devoto e de muy sancta e honesta vida; e **foi monge e muy leterado** (Cintra II, 226).¹⁸

Mas também ocorre a qualificar personagens ligadas à nobreza:

Este **rey** era muy **leterado**, piadoso, justiçaoso e muyto entendudo e sabedor de juizo (Cintra II, 209). E, cõ esta mesaje;~, e;~viou el rei o **conde** dom Rodrigo e Alvaro Fernandez Menaya e outros mui **honrrados home;~es e mui leterados**. (Cintra III, 328)

Em textos mais próximos do clero, encontrei a palavra mais esclarecida pelo contexto, pois ocorre associada à escola, à leitura de livros, ao verbo “departir”, à lei e à instrução de um menino da nobreza (pais ricos e honrados); além de ocorrer em esclarecedora oposição a “necio pescador e aldeão”, ou seja, elemento do povo.

¹⁸ Vejam-se mais alguns exemplos: Este **arcebispo** foy do linhagen dos Judeus; e foi muy vallente **leterado** en todollos saberes e foy muy noble catollico e de grande devaçon (Cintra II, 284). Empero que tu es **arcebispo leterado**, respondert'ei ao que dizes (Cintra II, 382). E os **bispos e leterados** viron o livro e eixaminaron a materia delle e acharon que era boo e por tal o julgaron. [...] E elle despois tomou o livro e mandouho ao papa Sergio per **tres clerigos muy leterados e sabedores** e;~ a Sancta Escripura [...]E elle, des que o vio com os **leterados** e com os senadores, mandou que se leesse (Cintra II, 286). ante deste tempo morreo o **papa Benedicto**, que ouvera o papado per symonya e, por que **nõ era leterado**, tomou outro por companheiro e consagrouho por papa, por que comprisse o officio da igreja (Cintra III, 316). E fezerõ logo hu;~u **arcebispo** que avya nome dom Bernaldo, que era homen **bem leterado** e de muy sancta vyda. (Cintra IV, 13). Este dõ Bernaldo era muyto **leterado e grande clerigo**, mas leixou a clerizia e husou de cavallaria. (Cintra IV, 14).

E aaquestas tres artes chaman os **leterados** trivio porque mostram tres carreiras pera aquelas cimas de que ora falamos (Silva 1971, 45). E a estas quatro artes prestumeiras chaman os **leterados** quadrivio, porque mostram quatro carreiras pera quatro cimas pera que son, de que ora falamos. E todas estas sete artes chaman os **leterados** liberaes, porque fazem os corações daqueles que en elas estudan livres e quites dos cuidados do mundo (Silva 1971, 45). Pero quero que sábias que este santo de Deus San Beento, como quer que fosse de gram fama no mundo por muitos miragres que fez, pero apareceu **leterado** comunalmente per algu;ũs livros que ditou (Silva 1971, 90). –Non sei eu o que dizen os outros **leterados** quando departen sobrelos miragres que Deus faz, mais eu cuido que o maior de todolos miragres he fazer o morto viver (Silva 1971, 125).

E, des que elles virom a firmidõe de Sam Pedro e de Sam Joane e entenderom que **nom eram homees leterados mas nescios**, maravilhavam-se. (Cepeda I, 40) –Eu creio aaquel que apareceo, e tu aguardas sa creença por aquel que nunca apareceo. E pois, se eu, que nom som **leterado**, assi como tu dizes, e som **necio pescador e aldeão**, entendo mais que os mais **sabedores sacerdotes** gram medo devias tu haver por ende, ca, se eu disputando convosco, vencesse per algu;ũ ensinamento, vós que sodes tam sabedores, semelharia que vos vencia pola sabença que apreendera per longo tempo e nom pola graça de Deus. E pois agora nós que somos **nescios** vencemos-vos que sodes **sabedores**, qual é aquel que haja siso que nom entenda e que nom veja que *esto* nom é polo nosso saber mais pola vontade de Deus e polo seu dom? (Cepeda I, 104)

Sam Matias, o glorioso apostolo de Jesu Cristo, foi do linagem de Judá, e foi natural de Beleem, e foi dos nobres home;ũes daquel linhagem, e **seu padre e sua madre foram mui ricos e mui honrados**, e eram muito amados de Deus e dos home;ũes (Cepeda II, 284). E aveo assi que em pouco tempo aprendeu todalas profecias de sua Lei, e trabalhou-se de aprender, sendo moço, todolos bõos feitos dos antigos [...] E, pero que **era mui leterado** e teudo por sesudo, nom argulhecia, por ende, em nem u;ã cousa, ante se tinha sempre, segundo o seu nome, por pequeno, e era mui homildoso a todos (Cepeda II, 284). Toda alegria, tal como esta, maa é, acesa com o fogo mao que vem do demo, e despom o home;ũe pera o fogo do Inferno, maiormente o **home;ũe leterado e sabedor** que sabe melhor o que deve fazer. (Cepeda II, 395)

Decorre dos contextos analisados que não se estranharia a aplicação do adjetivo ou substantivo “leterado” a pessoas que se dedicassem ao estudo e tivessem portanto

conhecimento livresco, adquirido em ambiente escolar e fora dele. Na maior parte dos casos, clérigos; mas também nobres, numa minoria de casos. Quando Joam Soares Coelho diz ser “trovador e letrado”, estará a admitir que as condições de nobre (trovador) e de “letrado” podem ser vistas como distintas, por não coincidirem habitualmente na mesma pessoa. Mas está também a referir uma possibilidade conhecida e reconhecível: a de alguém ser simultaneamente trovador e letrado, isto é, nobre e letrado.

O verbo “leer”, cujo sentido mais estrito (decifrar texto escrito) dispensa qualquer esforço de esclarecimento, aparece frequentemente associado, por razões óbvias, ao ensino, chegando a usar-se para designar ação mais alargada como “estudar”, “aprender” ou mesmo “ensinar”. Na tenção entre Lourenço e Rodrigu’Eanes (**Rodrigu’ Eanes, queria saber**) (Silva 1993, 226), o trovador dirige-se ao jogral para lhe dizer que é vanglória afirmar de si próprio: “dizes ar i u;~a ren: / que es omen mui comprido de sén / e bon meestr’ e que sabes leer.” Noutra tenção entre trovador e jogral (- **Pero Martiiz, ora por caridade**) (Silva 1993, 229), o verbo volta a ocorrer associado ao estudo, designando ação que não pode ser apenas a simples decifração da escrita:

-Pero Martiiz, respondestes tan ben
en tod’ esto, que foistes i con sén
e trovador e cuid’ eu que **leestes**.

-Vós, Don Vaasco, tod’ esso m’ é ben:
ei sis’ e sei trobar e leo ben...
mais que tárdi que mi-o vós entendestes!

Noutra sátira de Afons’Eanes do Coton (**Meestre Nicolás, a meu cuidar**) (Gaspar, 79), o verbo é usado em associação a uma figura que é “meestre” e “físico”, trazendo consigo vários símbolos da atividade (“capelo d’Ultramar”, “livros de Mompisler”):

E sabe seus livros sigo trager,
como meestre sabe-os catar
e sabe os cadernos ben cantar.
Quiçai non sabe per eles leer,
mais ben vos dirá quis quanto custou
todo, per conta ca ele xós comprou:
ora veede se á gran saber.

E en bon ponto el tan muito leeu,
ca per i o prezan condes e reix

Sobre a mesma personagem se adianta ainda que “latin come qual clerigo quer / entende”. Também nas Cantigas de Santa Maria o verbo “leer” ocorre associado à escola, embora não necessariamente ao clero:

En Beorges **un judeu**
 ouve que fazer sabia
 vidro, e **un fillo seu**
 - ca el en mais non avia,
 per quant' end' aprendi eu -
 ontr' os crischãos **liya**
na escol'; e era greu
 a seu padre Samuel.
 [...]
 O meny;~o o **mellor**
leeu que leer podia
e d' aprender gran sabor
ouve de quanto oya;
 e por esto tal amor
 con esses moços collia,
 con que era **leedor**,
 que ya en seu tropel.

(CSM 4 Mettmann I 63)

que a Virgen foi fazer
 a un bon **religioso**.
 [...]
Este sabia leer
pouco, com' oý contar,
 mas sabia ben querer
 a Virgen que non á par;

(CSM 56 Mettmann I 56)

O caso da cantiga de Santa Maria 53 (Mettmann I 185-87) é especialmente elucidativo porque, por um lado, “leer” aproxima-se mais do sentido de estudar e, por outro lado, porque estabelece correspondência entre o verbo e os conhecimentos adquiridos através da ação que ele designa.

Como Santa Maria guareceu o moço pegureiro que levaron a Seixon e lle fez saber o Testamento das Escrituras, macar nunca **leera**.

[...]

ca o Espirito Santo pos en el atan gran sen
que **as Escrituras soube, e latin mui ben falar.**

[...]

**E quanto no Testamento Vedro e no Novo sé
escrito muy ben sabia, e mui mais, per bõa fe.**

Na prosa, o verbo “leer” ocorre mais vezes no sentido de decifração de letras do que em extensão do sentido. Pude recolher, no entanto, alguns destes casos também.

E, quando elles foram tamanhos que ja hyam **leer** aa escolla, avya e;~ casa de Miraamolin hu;~u homen muy sabedor das cousas que avyam de vi;~ir e avia nome Medemet (Cintra, 367). E os escritos daquestes em duas maneiras do entendimento som partidos, ca os u;~us som / segundo a letera da escretura e os outros segundo o entendimento. E, **segundo a letera da escretura, lee o poboo meudo e os home;~es; segundo o entendimento, lee toda a companha dos filosofos** dos sabedores dos gregos outrossi. (Cepeda, I 220)¹⁹

Considerando todos os contextos analisados, podemos admitir que o verbo “leer” tivesse uma boa capacidade de invocação da escola, dado o grau de associação a este campo semântico.

O verbo “departir” apresenta diversos significados, sendo o mais comum o de separar. É por extensão de sentido que o encontramos associado à atividade intelectual, expressa também por meio dos vocábulos “leer” e “leterado”. Neste contexto, “departir” significa “explicar” por via da divisão e organização das partes constitutivas de certa matéria. Pode, no entanto, também significar “narrar” ou “conversar” e “discutir”, casos em que é mais vezes associado à nobreza do que ao clero. O mesmo acontece nos dois casos onde o sentido de “departir” poderá ser o de “ponderar”, “avaliar”. A ideia de organização mental da matéria discursiva mantém-se presente neste caso, tal como naqueles em que o sentido é “explicar”.

-Lourenç’, enas terras u eu andei,
non vi vilão tan mal **departir**
e vejo-te [de] trobares cousir
e loar-te; mais ua cousa sei

(Rodrigu’ Eanes, queria saber [Silva 1993, 228])

Mas un frade me;~or os fez vi;~ir

¹⁹ Eis mais um exemplo: E, **des que o poserom a leer**, fezerom-lhe sempre aprender totalas boas cousas da sua Lei, e **depois meterom-no aa escola** e derom-no a ensinar a u;~u sacerdote que havia nome Simhom e era mui sabedor em na sa Lei (Cepeda II, 284).

e fez-lles sermon, en que **departir**
foi como Deus quis por nos remiir
nacer, como dit' avia

(CSM 143 Mettmann II, 121)

Mas escuitaae e eu vos **departirey** este signal sen duvida nen hu;~a *como* ha
de seer. (Cintra III, 34)

Mas, desde se juntarom, fallarõ em muytas cousas, ataa que veherom a
departyr em seus feytos e de suas batalhas e contar das feridas que a cada
homen hi fezerom e dos grandes averes e doutras cousas que ende levaron.
(Cintra II, 118) E recrecerõ antre elles pallavras, de guisa que lhe disse el
rey de Segura que era rapaz e que nõ **departisse** com elle e que mais lhe
vallerya de bhyr buscar seu padre. E entom lhe disse dom Mudarra
Gonçalvez: Nom **departades** cõmigo, ca vollo vedarey muy mal! (Cintra
III, 153) E Abemafa estava muito orgulhoso e desprezava os home;~es boos
da villa. E, quando se lhe viinhã querellar d' algu;~a sem razõ, tragiaos mal,
e **elle se tiinha como por rey e tragia cõsigo trovadores e versificadores**
e departia cõ elles em seus folgares e sabores. (Cintra IV, 81)

E, se algu;~u souber esto **departyr** melhor e o diser mais cõ verdade,
develhe de seer recebido, ca nos dizemos o que achamos pellos lati;~is
ennos livros antigos. (Cintra III, 444)

Outrossi de quen busca razon pera falir,
non avendo vergonna d' errar nen de mentir,
e [de] **quen dá juyzio seno ben departir**
nen outro gran consello sen ant' i comedir,

(CSM 401 Mettmann III, 305)²⁰

²⁰ Vejam-se mais alguns exemplos: E daquestes sete dôes / vos quer' ora **departir** / como os deu a sa
Madre, / por que quantos lo oyr (CSM 418 Mettmann III, 338). E per a razon veheron en conhecimento
de entender os saberes e *de se saberem ajudar* deles e saberem tam ben **departir** das cousas que foron
nos tempos antigos como se fossen en sua sazõ (Cintra II, 4). E de Claudyo Tollomeu, que **departio**
do circo da terra melhor que outro saybho ataa a sua sazõ, e (Cintra II, 6). E, elles stando esto
fallando, ex que ve;~ el rei dom Garcia do emcalço, a que era ydo muito alegre, **departindo** do feito da
batalha e de como era preso seu irmãoo (Cintra III, 362). E **el rei Alle Meymõ** começou de **departyr** cõ
seus privados e;~ muitas cousas, antre as quaaes fallarõ da nobreza e fortelleza da cidade de Tolledo e
como era muy forte e muy avondada e como nõ temya guerra de mouros ne;~ de cristãaos (Cintra III,
370). E, despois que todos avyam comido, delles jugavã tavollas, outros eixedrez, outros **departiam em**
feitos de cavallarias. E, assy fazendo esto, algu;~as vezes acontecia que adormecia o Cide em cima de
hu;~u scano e;~ que estava a comer (Cintra IV, 118). E, daquy adeante, non falleemos sobr' esto, mas

O esclarecimento vocabular acima procurado aponta para a possibilidade de o duplo estatuto (“letrado e trovador”), reclamado por Joam Soares Coelho, ter efetivamente existido. Ser nobre e ter instrução não seria comum, mas não era visto como uma impossibilidade. Esta instrução implicaria não só atividade escolar, mas também o convívio frequente com livros, na sua grande maioria ou mesmo totalidade escritos em latim. O acesso à cultura letrada clerical não estaria portanto vedada, mesmo que não fosse frequente, aos nobres, incluindo a nobreza secundária, como é o caso de Joam Soares Coelho.

Ficam por enfrentar questões que decorrem destas, nomeadamente a da instrução dos trovadores nobres e a de ser ou não ser a instrução determinante no estabelecimento do estatuto que o trovador reclama para si quando o nega aos jograis, nas tenções e escárnios sobre este assunto.

guisemonos como vaamos aa lide e ally **departiremos** sobre aquello que virmos que nos mais comprir. (Cintra II, 28-29). E ñõ **departe** a estorya de quaaes era aquelle dom Gonçallo, ne;~ elle por sy, nem conta delle al se ñõ esto (Cintra II, 105). **Departido** avemos como reynou el rey dõ Afonso, o Magno, depois del rey dom Ordonho, seu padre, e e;~ qual anno começou a reinar e dos reis que depois delle forõ, que del rei dom Paayo veherõ, (Cintra III, 425). *E* outro estoriador dá testemunho d’ escrever sua estoria e diz assi: «Como quer que este arcebispo dom Rodrigo fallou muyto das cronicas e feitos dos reys e de suas vidas e quaaes foron e como husaron de seus poderes e como acabaron, **departindo todo en suas estorias** (Cintra IV, 418). –Non sei eu o que dizem os outros leterados quando **departen** sobre los miragres que Deus faz, mais eu cuido que o maior de todolos miragres he fazer o morto viver (Silva 1971, 125).

Bibliografia citada

- Beltran, Vicenç. “Tipos y temas trovadorescos, XV. Johan Soarez Coelho y el ama de don Denis.” *Bulletin of Hispanic Studies* 75.1 (1998): 13-43.
- Blasco, Pierre. *Les Chansons de Pero Garcia Burgalês*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984.
- Cepeda, Isabel Villares. *Bernardo de Brihuega. Vidas e Paixões dos Apóstolos*. Lisboa: INIC, 1989.
- Cintra, Luís Filipe Lindley. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Vols. II-IV. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1951.
- Coria, M. T. Bulmiro Reyes. *Ciceronis Rhetorici Libri Duo Qui Vocatur De Inventione. Marco Tulio Cicerón. De la Invención Retórica*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997.
- Correia, Ângela. “A Composição de Cantigas de Amor.” *Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904-2004)*. No prelo.
- . “O enquadramento histórico das cantigas à «ama» do trovador Joam Soares Coelho.” «*And gladly wolde (s)he lerne and gladly teche*». *Homenagem a Júlia Dias Ferreira*. Lisboa: DEA, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Colibri, 2007. 111-20.
- . “O Outro Nome da Ama. Uma polémica suscitada pelo trovador Joam Soares Coelho.” *Colóquio / Letras* 142 (1996): 51-64.
- . *As Cantigas de Amor de D. Joam Soares Coelho e o «Ciclo da “Ama”»*. Edição e Estudo. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2001.
- . “A composição de cantigas de amor.” *Colóquio Cancioneiro da Ajuda (1904-2004)*, Lisboa, 11-13 de Novembro de 2004 (no prelo).
- Gaspar, Silvia. *Libro dos Cantares de Afons’Eanes do Coton*. Santiago de Compostela: Concello de Negreira, 1995.
- Gonçalves, Elsa. *Poesia de Rei: Três Notas Dionisinas*. Lisboa: Cosmos, 1991.
- Lapa, M. Rodrigues. *Cantigas D’Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses*. [Vigo]: Galaxia, 1970.
- Mettmann, Walter. *Alfonso X, el Sabio. Cantigas de Santa Maria*. Madrid: Castalia, 1986-89.
- Spampinato Beretta, Margherita. *Fernan Garcia Esgaravunha. Canzoniere*. Napoli: Liguori, 1987.
- Oroz Reta, José, & Manuel A. Marcos Casquero. *San Isidoro de Sevilha. Etimologías*. 2 vols. Madrid: Editorial Católica, 1983.
- Pagani, Walter. *Il Canzoniere di Estevan da Guarda*. Pisa: Pacini, 1971.
- Papias Vocabulista 1496*. Torino: Bottega d’ Erasmio, 1966.
- Reali, Erilde. *Le “Cantigas” di Juyão Bolseyro*. Napoli: Sezione Romanza dell’ Istituto Universitario Orientale, 1964.
- Rodrigues, Manuel dos Santos. *Geoffroi de Vinsauf. Poetria Nova*. Faculdade de Letras de Lisboa: policopiado, 1988.

- Silva, Manuel Álvaro Ferreira da. *A Tenção Galego-Portuguesa. Estudo de um Género e Edição dos Textos*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1993. Policopiado.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos. *A Mais Antiga Versão Portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1971. Policopiado.
- Tavani, Giuseppe. *Lourenço - Poesie e Tenzoni*. Modena: STEM Mucchi, 1964.
- Ventura, Leontina. *A Nobreza de Corte de Afonso III*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1992.